

A "RELATIONE DEL REAME DI CONGO,,

Na bibliografia das viagens africanas a Relatione del Reame di Congo é um livro de capital importância. Escrito por Filipe Pigafetta sobre as informações dadas de «viva voce» por Duarte Lopes, teve na Europa do século XVI uma larga fortuna literária atestada por muitas traduções nas línguas modernas e pela inclusão da sua versão latina na famosa colecção de viagens dos irmãos de Bry. Porém, nenhuma dessas traduções conserva hoje o interesse do original italiano, porque, realizadas sobre a versão latina não respeitaram os breves dados biográficos de Duarte Lopes que Pigafetta deixou na Relatione.

Como se aproximou Duarte Lopes de Felipe Pigafetta? O humanista italiano era um daqueles viajantes curiosos, tão vulgares no seu tempo, e ainda novo, realizou por Portugal e Espanha uma viagem da qual restam, possivelmente inéditas, as cartas que então enviou para a Itália, onde se encontrava, quando Duarte Lopes, após a sua atormentada viagem de regresso, se dirigiu a Portugal a caminho de Roma, com o sentido de obter do Pontífice Sixto V o patrocínio dum maior desenvolvimento da actividade missionária do Congo.

Foi por intermédio do bispo Migliore, ao tempo interessado nos negócios de Portugal decorrentes na cúria, que Pigafetta e Duarte Lopes se conheceram. Em português ditou o viajante ao interessado italiano a sua Relatione, de que, para honra da cultura portuguesa, em breve aparecerá a primeira versão completa, acompanhada de notas e de um estudo crítico.

MANUEL LOPES D'ALMEIDA

*Professor da Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra.*

CAP. I

No ano de 1578, ano em que D. Sebastião, rei de Portugal, partiu à conquista do reino de Marrocos, Duarte Lopes, nascido em Benavente, terra afastada de Lisboa 24 milhas, na margem ocidental do rio Tejo, embarcou no mês de Abril para o pôrto de Luanda, situado no reino do Congo, numa nau chamada Santo António, pertencente a um seu tio, carregada de mercadorias diversas para aquele reino. Foi esta nau seguida por um patacho — que é um navio pequeno — a que deu contínua e boa conserva, prestando-lhe ajuda e guiando-o com luzes à noite, a fim de que não se perdesse do caminho que levava.

.....
Duas são as vias pelas quais se navega da ilha de São Tiago a Luanda, pôrto do reino do Congo: uma, ao longo da costa de África, outra pelo alto

Oceano, com a ajuda do vento da tramontana, que naqueles meses sopra quasi sempre, chamado norte pelos portugueses, pelos castelhanos, pelos franceses e por tôdas as gentes do mar do setentrião; e dirigindo a proa ao sul e sudoeste, seguiu sempre a caminho do Cabo da Boa Esperança, deixando para trás o reino de Angola, para finalmente a êle voltar. Isto deve fazer-se ao chegar a 27 ou 29 graus para lá do equinocial oposto ao nosso polo, que nesta *Relação* se chamará Antártico, isto é, contra o Ártico, que é o nosso Setentrião.

Naquela altura do polo inverso costumam os navegantes encontrar ventos a que chamam «gerais» e que são constantes, durante quasi todo o nosso verão. São denominados por êles nordeste e nordestes, além de outros nomes mais, que são entre nós os ventos que na primavera sopram do nordeste e este e que os venezianos em seu idioma dizem «Levantiere» e os gregos e os latinos chamam «Etesios», isto é, que sopram todos os anos em determinada época.

Assim navegando até 29 graus do Antártico, com vento da tramontana, succede um facto notável, pois que alguns, sentindo os primeiros ventos gerais, viram as velas e metem a proa direita a Angola e assim, faltando êles, succede que muitas vezes são enganados. O melhor é caminhar muito adiante, esperar o vento galhardo e depois voltar atrás, para ir em linha recta ao pôrto desejado.

É um facto singular que o vento da Tramontana seja firme até à altura de 29 graus e que aí se encon-

trem outros ventos em sentido inverso, mais furiosos do que aquêles, e isto durante seis meses do ano.

.....

CAP. II

O centro do reino do Congo está situado a 7 graus e dois terços da linha equinocial, do lado do Antártico, no ponto em que está a cidade do Congo; assim, vem a estar na região considerada inhabitável pelos antigos e conhecida por *Zona Tórrida*, quere dizer, a cintura da terra queimada pelo calor do sol, enganando-se êles de todo, porque a situação é belíssima e o clima temperado. O inverno rigoroso não existe, mas passa como o outono em Roma. Durante êle, os habitantes não usam peles, não mudam o vestuário, não se aquecem ao fogo, nem é mais frio no cimo das montanhas do que na planície. O inverno é geralmente mais quente do que o verão, em razão das chuvas e principalmente duas horas antes e duas horas depois do meio dia, que difficilmente se podem suportar.

Os homens, como as mulheres, são negros e alguns aproximam-se da côr de azeitona. Tem os cabelos crespos e negros e alguns também os tem avermelhados. Os homens são de estatura média e, a não ser a côr negra, são semelhantes aos portugueses. As pupilas dos olhos são, umas negras, outras da côr do mar e os lábios não são grossos como os

dos núbios e os de outros negros. De aspecto variado, como entre nós, seus corpos são grossos ou delgados, não como os dos negros da Núbia e da Guiné, que são disformes. As noites e os dias são quasi iguais, só variando um quarto de hora em todo o ano.

O inverno nesta região começa no tempo em que aqui sentimos a primavera, ou seja, quando o sol entra nos signos setentrionais, no mês de Março; e, quando começa o nosso inverno e o sol entra nos signos austrais, no mês de Setembro, então principia o seu verão. Durante o inverno, a chuva cai por cinco meses quasi continuamente, isto é, de Abril a Agosto, e poucos são os dias serenos, caindo a chuva tão forte e as gotas tão grandes que é maravilha. Esta água ensopa a terra ressequida pela estação passada do calor, durante a qual nunca chove durante seis meses; e quando a terra está saturada, os rios engrossam duma forma surpreendente, enchem-se de água e alagam as terras.

Os ventos que sopram nesta lua são os mesmos a que César chama, com vocábulo grego, «etésios», isto é, ordinários de todo o ano. Estes ventos são marcados na bússola como soprando do norte para o poente e para o garbino e trazem as nuvens para o cimo dos altíssimos montes, de encontro aos quais se firmam e, depois, em água se resolvem.

Assim começa o aumento dos rios que na Etiópia nascem e principalmente o do Nilo e os dos outros que desaguam no Oceano Oriental e no Ocidental.

.....

O Nilo, da ilha de Meroe, no Egito, corre para

o norte, inundando aquelas regiões cheias de ardores, de solidão e de desertos. Ora, como só chove no Congo e na Etiópia em certas épocas do ano, a cheia dos rios não é coisa extraordinária, não sendo um acontecimento novo. Mas nas regiões afastadas e sêcas, como no Egito, onde — exceptuando Alexandria e arredores — nunca chove, é tido por coisa maravilhosa a chegada, todos os anos, de tanta quantidade de água turva, vinda de regiões distantes, com tanta regularidade e sem nunca faltar. Esta água vivifica o terreno e dá alimento aos homens e aos animais, pelo que os antigos sacrificavam àquele rio, chamando-lhe, como nota no livro IV Ptolomeu ὁ γὰρ θεὸς δαίμωνιος ou o « Bom Deus », e ainda hoje alguns cristãos o tem por milagre. Sem aquelas águas morreriam estes povos de fome, dependendo — como diz S. João Crisóstomo — as suas vidas daquele aumento de água.

Assim estes ventos «etésios», que os portugueses dizem «gerais», soprando durante o nosso verão e nestas regiões no inverno, conduzem as nuvens para aqueles altos montes, onde são desfeitas de novo em água. Em razão destas chuvas, o inverno — como se disse — não é tão frio, gerando a água, nestas quentes regiões, certo calor.

Esta é, portanto, a razão do aumento do Nilo e de outros rios daqueles céus, do que tanto duvidaram os antigos em muitos erros fabulosos. No seu verão, que é o nosso inverno, os ventos sopram diametricalmente opostos aos acima mencionados, isto é, do sudoeste para o nordeste, na bússola, ventos

frios vindos do polo Antártico e refrescam tôdas aquelas regiões, como acontece com os nossos ventos no nosso país.

.....
É preciso também recordar que nas montanhas da Etiópia, do Congo e das regiões vizinhas não cai neve, nem mesmo nos cumes, excepto naquelas que estão perto do Cabo da Boa Esperança e em certas outras, notadas pelos portugueses, como a Serra Nevada. Não se encontra gelo na região do Congo, nem neve, onde seria mais estimada do que o oiro, para a misturar nas bebidas. Aqui não crescem os rios pela fusão das neves, mas pelo desabar das chuvas provenientes das nuvens, durante cinco luas contínuas, de Abril a Agosto. Estas chuvas, começando algumas vezes quinze dias mais tarde, são a razão porque as cheias do Nilo, tão desejadas pelos habitantes do Egito, tem anualmente lugar uns dias mais tarde ou mais cedo.

(Tradução de FRANCISCO MORAIS)